

**Ensino de gêneros orais, práticas de oralidade e formação docente:  
contribuições de Luiz Antônio Marcuschi**

**Teaching oral genres, orality practices and teacher education:  
contributions from Luiz Antonio Marcuschi**

Luciana Almeida Graça<sup>1</sup>  
Instituto Politécnico de Viana do Castelo  
[lucianagraca@ese.ipv.pt](mailto:lucianagraca@ese.ipv.pt)  
<https://orcid.org/0000-0003-1384-9540>

Tânia Guedes Magalhães<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora  
[tania.magalhaes95@gmail.com](mailto:tania.magalhaes95@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0003-2298-260X>

## **Contextualização**

São numerosas as formas como Luiz Antônio Marcuschi contribuiu para o avanço do ensino e da investigação da oralidade, em estreita articulação com a própria formação docente, com trabalhos que se constituem como um marco incontornável na construção de um campo de ensino da oralidade e de gêneros orais, ainda hoje deveras referenciados quer em investigações brasileiras quer em pesquisas com a língua portuguesa (1996, 1997, 1998, 1999, 2001, 2008). Com efeito, foi L. A. Marcuschi pioneiro ao explorar as complexas relações entre fala, escrita e oralidade, propondo uma valorização da língua falada no ensino da língua portuguesa. E, com a sua obra a destacar-se pela sua contribuição inovadora e crítica, particularmente, dos estudos de linguagem, e cruzando os próprios limites tradicionais da linguística, permitiu novas vias de análise e compreensão, precisamente, da linguagem, nas suas diversas formas de manifestação. De fato,

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, investigadora Integrada do inED - Centro de Investigação e Inovação em Educação, colaboradora do CIDTFF – Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Professores e membro do grupo “ProTextos: Ensino e Aprendizagem da Escrita de Textos”.

<sup>2</sup> Professora Associada da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), líder do Grupo de pesquisa Linguagem, Ensino e Práticas Sociais (LEPs) e integrante do Laboratório brasileiro de oralidade, formação e ensino - LABOR.

e não obstante os significativos avanços na investigação sobre gêneros orais, ainda é necessário um aprofundamento nas abordagens pedagógicas que integrem fala e escrita de forma harmônica, ultrapassando-se a visão tradicional que tende a valorizar a escrita em detrimento da fala. Afinal, essa desarticulação, muitas vezes presente nas práticas em sala de aula, impossibilita uma formação mais completa de professores e alunos. Ora, as publicações de Marcuschi – algumas a partir dos anos 1990, outras dos anos 2000 – trouxeram à tona, precisamente, debates cruciais sobre a oralidade no ensino da língua portuguesa. Ao questionar a concepção de superioridade da escrita, promoveu uma valorização da língua falada como um elemento indispensável nas práticas educativas. E a sua forte defesa de um ensino que compreenda a oralidade e os letramentos também nos permitiu refletir sobre a necessidade de políticas educativas que admitam e promovam a própria multimodalidade da comunicação. Daí (também) a importância de prestar esta homenagem, sob a forma de dossiê, ao linguista, professor, pesquisador e filósofo Luiz Antônio Marcuschi.

## Do homem e da obra

Marcuschi concluiu a sua graduação em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 1968. Obteve o seu doutoramento em Letras na Universita et Erlangen-Nurnberg (Friedrich-Alexander), em 1976, com 30 anos, apresentando uma dissertação, na área de Filosofia da Linguagem, sobre Wittgenstein. Realizou pesquisas de pós-doutoramento na Universität Freiburg, em 1988, aos 42 anos. Conforme atesta Cunha,

[S]e atualmente é comum ser doutor jovem e realizar estágio de ‘pós-doutorado júnior’, esta não era a realidade do país há três décadas: concluir um doutorado com menos de 40 anos e um pós-doutorado com menos de 50 era raro no Brasil nas décadas de 1970 e 1980 (respectivamente). (Cunha, 2016, p. 4-5).

Ao regressar ao Brasil, começou a ensinar Linguística na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 1976, tornando-se Professor Titular na área de Letras, Linguística e Artes, em 1992, tendo formado mais de 20 doutores e mais de 50 mestres em Linguística (Cunha, 2016, p. 6).

Atuou em áreas tão diversas quanto complementares, tais como Filosofia da Linguagem, Metodologia, Epistemologia e Lógica. Também desenvolveu investigações em linhas igualmente distintas e complementares, como as seguintes: descrição da língua falada e da língua escrita, compreensão textual na fala e na escrita, estrutura da interação verbal, oralidade e ensino de línguas e análise de gêneros textuais. Entre a sua extensa produção científica, igualmente em distintas áreas do conhecimento, ainda que a grande maioria seja no campo da Linguística, destacam-se os seus numerosos livros que exploram temas pioneiros, com ampla divulgação no Brasil e internacionalmente, configurando-se como obras da maior relevância para o desenvolvimento teórico da área, e por isso também exercendo uma influência muito positiva nas novas gerações de linguistas, como são as obras que retomaremos a seguir.

*Linguística de Texto: o que é e como se faz?* (Marcuschi, 1983) é uma obra-marco da linguística textual no Brasil, a partir da qual se elaboraram numerosos estudos e discussões, desenvolvidos sob a ótica do autor, e que muito

contribuíram para uma mudança histórica no processo de ensino-aprendizagem da língua, fazendo com que a leitura e a compreensão não se limitem a uma atividade superficial, mas se tornem uma atividade discursiva com base nos fatores de coesão, de coerência e de textualidade, tomando o texto como agente para o entrelaçamento das informações e dos sentidos” (Paes, 2017, p. 2015).

Com *Análise da Conversação* (Marcuschi, 1986), o autor começa por sublinhar o pouco que se sabe, seja sobre a língua portuguesa falada no Brasil e o seu real funcionamento, em geral, seja sobre os próprios processos conversacionais, mais em particular. Ora, sendo a conversação a prática social mais comum no cotidiano do ser humano, além de desenvolver o espaço propício à construção de identidades sociais no contexto real, o seu estudo é fundamental. E se, até então, o estudo da conversação se preocupava, mormente, com a descrição das estruturas conversacionais e dos seus mecanismos organizadores, é Marcuschi quem destaca a importância de serem analisados outros aspectos implicados na atividade conversacional, tais como os conhecimentos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais partilhados e que permitem que a interação seja bem sucedida.

*A Língua falada e o ensino de Português* (1996) constitui-se como um texto seminal em que o autor problematiza a relevância da língua falada como uma componente fundamental no ensino da língua. Marcuschi advoga que, para uma aprendizagem efetiva, há que se reconhecer a fala como parte integrante do ensino, considerando que uma prática pedagógica integrada é de fato essencial para preparar os alunos para uma comunicação efetiva nos mais diferentes contextos sociais. Desta forma, o autor questiona o enfoque tradicional na escrita, equiparando a fala e a escrita em termos de relevância pedagógica. Ao encontro dessas ideias, em 1997, no texto *Oralidade e escrita*, explorando a relação intrínseca entre esses dois domínios - que correspondem a práticas sociais que traduzem distintos contextos e diferentes funções comunicativas -, o autor considera-os interdependentes e volta a defender uma abordagem integradora que contemple o papel essencial dessas duas modalidades da língua na escola. Só assim se poderia almejar um ensino mais consentâneo com as próprias exigências do mundo contemporâneo.

Com *Nove teses para uma reflexão sobre a valorização da fala no ensino de língua* (1998), o autor condena de novo a reduzida valorização da oralidade no ensino do Português, sobretudo nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa negligência com a oralidade, segundo Marcuschi, perpetua uma visão limitada da língua, ignorando a sua natureza interativa e social. Daí a urgência da adoção de práticas pedagógicas que compreendessem a oralidade como eixo estruturante do currículo: tal perspectiva promoveria igualmente um ensino mais inclusivo e eficaz. Em coerência com as visões defendidas, no artigo *O tratamento da oralidade nos PCN de língua portuguesa de 5.ª a 8.ª séries* (1999), Marcuschi aborda a inclusão da oralidade nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* voltados para os anos finais do Ensino Fundamental. Ele afirma que, embora seja referenciada, a oralidade é explorada de forma marginal e reduzida. E, mais uma vez, defende não só que as políticas educativas articulem de forma mais integrada a fala e a escrita, como também que as práticas pedagógicas efetivas deem, de igual forma, prioridade à produção e à compreensão de gêneros orais.

Esses artigos do autor são fundamentais para consolidar, na década de 90 ainda, as justificativas para o ensino do oral no Brasil, calcados em estudos acerca dos livros didáticos e documentos oficiais

brasileiros, consolidando uma frente de defesa do ensino de oralidade, articulado a outros pesquisadores da época, como Ataliba Castilho, Jânia Ramos, Leonor Lopes Fávero, Luiz Carlos Travaglia, Ingedore Koch, dentre outros.

Com *Da fala para a escrita: atividades de retextualização* (2001), o autor retoma, no primeiro capítulo, as ideias anteriormente desenvolvidas, no que se refere ao histórico dos estudos das relações fala - escrita e às diversas considerações acerca do par oralidade e letramento nas práticas cotidianas. Neste capítulo, um marco histórico, ele traz conceitos sobre oralidade, letramento, fala e escrita, com base em concepções de língua e texto como instituições nem estanques nem separadas entre si, mas como um conjunto integrado de práticas sociais e culturais. Daí que Marcuschi afirma que “são os usos da língua que fundam a língua e não o contrário” (2001, p. 9); em outras palavras, é a intenção comunicativa que funda o uso da língua, e não a estrutura. Neste sentido, oralidade e letramento representam práticas e usos da língua com características específicas, ainda que não sejam opostas. A concepção da supremacia da escrita sobre a fala é, assim, um mero mito. Se a oralidade é uma prática social interativa para fins comunicativos realizada sob formas sonoras, a escrita caracteriza-se pela sua finalidade comunicativa realizada de forma gráfica (nomeadamente, formas alfabéticas, ideográficas, iconográficas, entre outras possibilidades); assim, o autor sistematiza as noções de que fala e escrita são modalidades da língua e oralidade e letramento, práticas. Por sua vez, no segundo capítulo, apresenta uma investigação que explora a problemática da retextualização no processo de transcrição de textos falados escritos. Para tal, formula elucidativas observações sobre distintos aspectos envolvidos no processo de retextualização, tais como: compreensão e transcrição de um texto e uso das convenções, objetivos da retextualização, relação entre o produtor do texto original e o transformado, entre o gênero textual original e o gênero produzido na retextualização e os próprios processos de formulação característicos de cada modalidade.

A obra *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*, organizada por Marcuschi e Xavier (2004), apresenta uma seleção de pesquisas sobre os designados gêneros digitais, com o enfoque na análise de material textual efetivamente produzido nos contatos estabelecidos com o recurso ao computador. Logo no primeiro capítulo da obra (“Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital”), assinado por Marcuschi, ao referir-se ao estatuto textual do mencionado material, é logo aí sublinhado que os gêneros digitais se destacam pela pluralidade dos próprios usos e pelo desconhecimento das estruturas subjacentes à construção textual. Afinal, este material é uma mistura de elementos da fala e da escrita, plasmados em textos concebidos para uma interlocução em tempo real, ainda que com um contato mediado pelo computador e com respostas nem sempre instantâneas.

Por sua vez, no livro *Produção textual, análise de gêneros e compreensão* (2008), o autor começa por sublinhar que a língua não é fixa, nem pré-determinada, representando um sistema variável, heterogêneo e vinculado a um contexto particular. Segue-se a exploração não só do conceito de gênero textual mas também de propostas para um ensino de língua materna a partir da análise dos próprios gêneros – como as elaboradas por pesquisadores genebrinos –, em que o autor descreve o percurso dos estudos sobre gêneros e analisa como os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) abordam o conceito, sendo dada ênfase, nomeadamente, à confusão aí presente entre oralidade e letramento. Por fim, Marcuschi se volta para a leitura e a compreensão, que devem ser percebidas como um trabalho

de natureza social, e não como atividades individuais, já que a compreensão consiste numa atividade colaborativa que ocorre quando da interação entre autor-texto-leitor ou falante-texto-ouvinte.

Todas essas profícuas contribuições de Marcuschi foram fundamentais para alcançarmos um patamar atualmente em que a investigação e a oralidade como prática pedagógica são indispensáveis para o desenvolvimento de professores e estudantes, com um novo fulgor. O legado de Marcuschi, de forma temática ampla e de maneira mais específica no que se refere às práticas de oralidade e ensino, reforça que a interdisciplinaridade e a troca de saberes se afiguram, mais do que nunca, essenciais na construção de conhecimento. Não é sem razão que Marcuschi é o autor cujas análises e concepções embasam a maior parte dos trabalhos do Programa de Mestrado Profissional em Letras, o ProfLetras, conforme pesquisa de Magalhães (2020), dada a relevância de seu trabalho, além de ser base de numerosos outros artigos e capítulos em variadas temáticas.

Nesse sentido, este dossiê, além de celebrar o trabalho *per se* do nosso grande Mestre Marcuschi, apresenta contributos originais de autores do Brasil e de Portugal que, dialogando com conceitos fundamentais propostos pelo autor, procuram alargar a nossa compreensão sobre, precisamente, o “Ensino de gêneros orais, as práticas de oralidade e a formação docente”.

## Da repercussões da obra de Marcuschi

Quanto à composição, este dossiê é constituído por treze artigos, além deste introdutório. Com exceção do 1.º trabalho, uma homenagem belíssima ao nosso grande Mestre Marcuschi pela Profa. Angela Dionísio, os outros doze distribuem-se por três grandes eixos temáticos: i) oralidade, formação e prática docente, com seis artigos; ii) reflexões sobre oralidade e desenvolvimento de práticas pedagógicas, com três artigos; e iii) materiais didáticos e textos programáticos oficiais, com três artigos. Apresentamos, em seguida, brevemente cada um dos textos selecionados para este dossiê.

O volume é aberto com o texto “Luiz Antônio Marcuschi, *grandiosamente*, Marcuschi”, de autoria de Angela Paiva Dionísio. A autora realiza uma delicada homenagem ao nosso querido professor, retomando parte de sua obra, assim como elementos da vivência cotidiana com ele, que sempre exalava alegria com o trabalho. Com um conjunto de imagens que nos tocam profundamente, temos a sensação de poder conviver mais um pouquinho com o homenageado, retomando parte de sua história e de sua enorme contribuição para tantas áreas de conhecimento no campo amplo dos Estudos de Linguagem.

No eixo **Oralidade, formação e prática docente**, apresentamos seis textos frutíferos para o campo da formação de professores, dialogando diretamente com docentes que estão nesta função de formar os futuros docentes de Língua Portuguesa da escola básica, seja em cursos de Pedagogia, seja nos de Letras.

Em “Oralidade, gêneros orais e formação de professores: da sala de aula às ruas da cidade”, Luzia Bueno, Wesley Baptista e Fabiana Sante analisam não só grades curriculares de cursos de graduação como também iniciativas de formação continuada, de modo a refletir sobre o trabalho com a oralidade e os gêneros orais na formação docente. Os resultados indicam que os documentos oficiais ainda não sublinham a relevância da oralidade e dos gêneros orais na formação, ainda que haja já ini-

ciativas capazes de criar as condições adequadas para que os docentes possam ultrapassar as limitações impostas pelas prescrições iniciais.

Com “Oralidade e letramento na esfera acadêmica: dimensões e usos do gênero seminário”, as autoras Juciane Cavalheiro, Elaine Andreatta e Lorena Tomás, além de refletirem sobre o currículo construído na formação de professores de Língua Portuguesa, em uma instituição superior de ensino, também propõem um modelo didático do gênero oral seminário acadêmico; apresentam ainda uma experiência de trabalho com licenciandos do curso de Letras da mesma instituição. Quanto aos resultados obtidos, a análise do currículo indicou haver já alguns avanços no estudo e no tratamento didático da oralidade, e o estudo com os estudantes mostrou que o gênero analisado precisa ser ainda concebido como uma atividade de oralidade propriamente dita, já que é realizado na interface leitura e escrita e faz uso de vários recursos semióticos.

Em “Atividades de retextualização no ensino da oralidade”, os autores Juliana Zani, Gustavo Lima e Joaquim Dolz deram continuidade a estudos anteriores desenvolvidos a partir de uma experiência vivenciada no âmbito de um minicurso sobre fábulas para professores, no qual os participantes foram desafiados a encenar uma fábula escrita, transformando-a em uma fábula teatralizada. No recorte apresentado neste artigo, há um enfoque nas atividades de retextualização no âmbito da didática da oralidade. Os resultados mostram que a teatralização de uma fábula no quadro de um itinerário didático se mostrou produtiva, ao permitir pensar acerca dos processos de retextualização e suas potencialidades em atividades que abrangem a produção de gêneros orais na escola.

No artigo intitulado “A abordagem das relações entre fala e escrita nas práticas de duas professoras da Rede Municipal do Recife”, as autoras Júlia Souza e Telma Leal, além de refletirem sobre o ensino das relações entre fala e escrita, também analisam as práticas efetivas de duas docentes do 4.º ano do Ensino Fundamental. Os resultados mostram que prevaleceram apenas situações de leitura em voz alta (oralização de textos escritos ou memorizados) e a escrita de textos para apoio à produção oral, em situações de produção de gênero orais, o que revela a necessidade de ampliação dos estudos de oralidade na formação docente.

Com “A retextualização de contos do livro Olhos d’água para gêneros orais: uma proposta para a formação de professores”, os autores Gabriel Bragiatto, Juliana Ajala e Márcia Márcia analisam o desfecho de três trabalhos de estudantes de Pedagogia, no que se refere à retextualização de um texto escrito para um texto de gênero oral. Eles observam que o desenvolvimento da atividade contribuiu para os docentes assumirem uma postura analítica e reflexiva em relação aos gêneros orais, construindo um conhecimento sobre a oralidade que poderá reverberar no próprio desenvolvimento das capacidades de linguagem na modalidade oral na apropriação de um conhecimento que deverá ser objeto de ensino desses futuros docentes.

Em “Entrevista de emprego na Educação de Pessoas Jovens e Adultas: contribuições de Marcuschi para refletir sobre o gênero oral na prática docente”, as autoras Débora Costa-Maciel, Maria Lúcia Barbosa e Fabrini Bilro interessam-se por explorar quais serão as contribuições de Marcuschi observadas no trabalho docente com o referido gênero. Para tanto, analisam como duas professoras em atuação na Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA) planejam/vivenciam o ensino do gênero entrevista de emprego, realizando uma conversa em um ambiente virtual com essas mesmas docentes.

A análise das falas evidenciou a presença de noções de Marcuschi, sobretudo, quanto aos elementos constitutivos do gênero e à sua função social. Também se registou uma atenção no trato com o gênero para as particularidades do público da EJA, quer para as dimensões extralinguísticas quer para as dimensões paralinguísticas que integram o encadeamento de estratégias de reflexão relativo a esferas mais formais de uso da linguagem oral.

No segundo eixo do dossiê, **Reflexões sobre oralidade e desenvolvimento de práticas pedagógicas**, trazemos três artigos que dialogam diretamente com docentes que atuam na escola, possibilitando ampliar o olhar sobre efetivas e profícuas práticas pedagógicas orais.

No artigo intitulado “Oralidade nas práticas translíngues: a construção do relato pessoal”, as autoras Júlia Juliotti, Taíse Guimarães e Edilaine Buin descrevem uma pesquisa-ação realizada numa escola pública brasileira situada numa região de fronteira entre o Brasil e o Paraguai, com o objetivo de mostrar como práticas translíngues e transculturais podem promover a diversidade linguística e cultural no ensino de Português. Os resultados evidenciam que essas práticas não só promovem a construção de identidades linguísticas e culturais distintas como também enriquecem o processo de ensino-aprendizagem ao valorizar a pluralidade linguística.

Com “Ensino da oralidade a um estudante autista: implementação de uma sequência de atividades com o gênero textual entrevista”, as autoras Letícia Storto, Dayanna Marianni e Roberta Negrão apresentam um recorte de uma pesquisa-ação cujo objetivo geral assentou no desenvolvimento da comunicação de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em contexto de interação verbal mediada por perguntas, com o gênero oral entrevista. Os resultados mostram que, ao trabalhar com os interesses do hiperfoco do estudante com o referido transtorno, e com atividades lúdicas, ele teve uma participação ativa e passou a respeitar os turnos de fala dos integrantes, além de responder adequadamente às perguntas.

Intitulado “A oralidade sob um olhar dialógico: reflexões entre as ideias de L. A. Marcuschi e os escritos do Círculo”, os autores Terezinha Costa-Hübes e Rodrigo Acosta Pereira sustentam a tese de que a oralidade é uma prática dialógica de linguagem que se orienta na/com/para a interação entre sujeitos. Com base num estudo teórico-analítico, com pretensões didáticas, conduzido pelos autores, eles mostram aproximações entre as ideias de L. A. Marcuschi e as do Círculo, já que, ao explorar conceitos como língua, enunciado e gêneros textuais, Marcuschi entretetece-se da compreensão sociológica e dialógica da linguagem, embora acrescenta a esses termos outros tons valorativos, de modo a torná-los mais compreensíveis no contexto de ensino.

Por fim, no terceiro e último eixo deste dossiê, **Materiais didáticos e textos programáticos oficiais**, três artigos contribuem com a discussão sobre o ensino a partir da análise de propostas curriculares para a educação e de material didático para a educação científica, articulando a discussão às demandas da escola básica.

Em “(Re)Textualização de Materiais Didáticos para uma Proposta de Educação Científica”, os autores Jaqueline Mendes e Wagner Rodrigues Silva exploram o processo de (re)textualização de vídeos didáticos, desenvolvidos no contexto de uma plataforma específica, concebida para apoiar a prática da Educação Científica (o LabGram). O estudo visa criar materiais multimodais que promovam o ensino de gramática nas aulas de Português para estudantes da educação básica. Os resultados

mostram que a retextualização desses materiais didáticos concorre para um estudo de gramática mais significativo, acessível e inovador.

Em “A programabilidade do eixo oralidade na Base Nacional Comum Curricular e na Proposta Curricular do Estado da Paraíba: modos de (re)organização didática”, Denise Lino Araújo e Antônio Naelinton do Nascimento visam identificar as (des)continuidades apresentadas na (re)organização didática do eixo oralidade tanto na Base Nacional Comum Curricular quanto na Proposta Curricular do Estado da Paraíba – ambos referentes ao Ensino Fundamental (8.º e 9.º anos). Os resultados obtidos mostram que não só o processo de transposição didática gerou transformações distintas como também se registou uma programabilidade difusa em ambos os contextos, o que se pode constituir um adjuvante ou um óbice ao trabalho do professor.

Em “Contributo para a história do ensino da oralidade do ponto de vista dos documentos programáticos: de 1921 a 2018”, a autora Carla Marques, ao analisar documentos programáticos para o ensino do Português, em vigor entre os anos indicados, visa, precisamente, descrever o percurso evolutivo do ensino da oralidade em Portugal, com enfoque na concepção da função social atribuída à modalidade oral e nos conteúdos associados ao seu ensino. Os resultados mostram uma secundarização da oralidade durante um extenso período. E se esta situação se alterou a partir dos finais do século XX – o que se terá devido às orientações políticas da altura e também à ausência de investigação nesse campo –, só a partir do século XXI os programas passam a explicitar conteúdos ensináveis do domínio da oralidade.

## Da síntese

A obra de Luiz Antônio Marcuschi redefiniu a área da oralidade, dos gêneros orais e da fala, e passou a se constituir como um robusto arcabouço teórico-prático com repercussões muito significativas no ensino, na investigação e na formação docente.

Através dos seus numerosos textos, o autor gerou uma reflexão crítica evidente no que diz respeito, particularmente, às concepções de fala e escrita imbricadas às noções de oralidade e letramento, sublinhando a necessidade de uma abordagem integrada que compreenda a importância da modalidade falada em ambientes educativos, em detrimento de uma abordagem assentada na valorização exclusiva da escrita. Pelo contrário, Marcuschi defende que a linguagem é uma prática social interativa, concepção essa que não só derruba o mito da (suposta) superioridade da escrita como também revela a fala como uma modalidade central das interações humanas – reconhecendo os seus usos sociais e as próprias demandas comunicativas do oral.

Neste contexto, é fundamental que a oralidade não seja tratada como elemento acessório nos currículos e que o ensino de gêneros orais seja incorporado de uma forma (mais) explícita e sistemática nos documentos curriculares e nas práticas pedagógicas efetivas, de modo a registar uma evidente articulação entre ambos. Porém, reconhecemos ser ainda necessário um diálogo mais profundo entre formuladores de políticas educativas, educadores e investigadores para que se possa ultrapassar, de forma mais categórica, a dificuldade de uma efetiva implementação de práticas pedagógicas que valorizem a oralidade.

A valorização da diversidade linguística e cultural, também advogada por Marcuschi, por (nomeadamente) promover eventos de letramento mais articulados e eficazes sob o ponto de vista das atividades coletivas humanas, implica também a inserção de gêneros orais contemporâneos, como os *booktubes*, *podcasts* e vídeos diversificados, representando as novas formas de comunicação em ascensão.

Neste contexto, é também essencial que os formadores de professores progridam nas suas capacitações, englobando, inclusive, atividades que estimulem a prática da oralidade como parte central da própria educação linguística do docente em sua formação inicial e continuada. A atenção à educação inclusiva também no campo da oralidade merece particular destaque, com a adoção de práticas que reconheçam as próprias necessidades específicas de grupos, como pessoas com Transtorno do Espectro Autista, desenvolvendo-se metodologias que respeitem e valorizem a expressão oral em toda a sua diversidade, conforme mostra um dos trabalhos deste volume.

O trabalho de Luiz Antônio Marcuschi representa, assim, um legado que nos convida a valorizar a oralidade, ainda que reconhecendo a linguagem em toda a sua diversidade, nas suas mais distintas formas de expressão. Este dossiê visa não só apresentar algumas das mais recentes investigações sobre o tema, como também procura gerar reflexões importantes sobre a presença da oralidade nas nossas salas de aula, na escola básica e na universidade. Afinal, a construção de um ensino que valorize a oralidade carece de um esforço conjunto. Neste contexto, as reflexões e os estudos aqui apresentados visam, inclusive, instigar novas investigações e práticas pedagógicas que promovam um ensino mais equilibrado entre as diferentes modalidades de linguagem.

É neste contexto que as contribuições de Marcuschi permanecem muito vivas, alicerçando discussões e práticas que tornem a oralidade primordial na educação e respeitem e valorizem as diversas formas de se comunicar.

## Referências

BARONAS, R. L.; KARIM, T. M.; ALMEIDA, M.; JESUS, D. M.; ANDRADE, E. A.; SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. (org.). 2018. *Ciências da linguagem e a(s) voz(es) e o(s) silenciamento(s) de vulneráveis: reflexão e práxis* – Homenagem ao Prof. Luiz Antônio Marcuschi. Pontes Editores.

CUNHA, D. de A. C. 2016. Luiz Antônio Marcuschi – uma vida dedicada ao ensino e à pesquisa. *Revista Investigações*, v. 29, n.º 2, pág. 1-25. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/6174/8301>

MAGALHÃES, T. G. Oralidade nas dissertações do Mestrado Profissional em Letras: formação docente para possibilidades de inovação na escola básica. *Revista da Anpoll*, [S. l.], v. 51, n. 2, p. 71 88, 2020. DOI: 10.18309/anp.v51i2.1395. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1395>. Acesso em: 8 mar. 2023.

MARCUSCHI, L. A. 1983. *Linguística de Texto: o que é e como se faz?* Recife, Universidade Federal de Pernambuco.

MARCUSCHI, L. A. 1986. *Análise da Conversação*. São Paulo, Ática.

MARCUSCHI, L. A. 1996. A Língua falada e o ensino de Português. Departamento de Letras, UFPE. <https://www2.ufjf.br/labor/files/2018/06/OLE-A-1%C3%ADngua-falada-e-o-ensino-de-portugu%C3%AAs-L.-A.-Marcuschi-UFPE.pdf>

MARCUSCHI, L. A. 1997. Oralidade e escrita. *Revista Signótica*, v. 9, n. 1, pág. 119-146. <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/7396>

MARCUSCHI, L. A. 1998. Nove teses para uma reflexão sobre a valorização da fala no ensino de língua (A propósito dos “Parâmetros Curriculares no Ensino de Língua Portuguesa de 1.ª a 4.ª série do 1.º Grau Menor”). *Revista da Anpoll*, 1(4), pág. 137-156. <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/284>

MARCUSCHI, L. A. 1999. O tratamento da oralidade nos PCN de língua portuguesa de 5.ª a 8.ª séries. *Revista Scripta*, v. 2, n. 4, pág. 114-129. <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10280>

MARCUSCHI, L. A. 2001. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo, Cortez.

MARCUSCHI, L. A. 2008. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo, Parábola.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). 2004. *Hipertexto e Gêneros Digitais: Novas Formas de Construção de Sentido*. Rio de Janeiro, Lucerna.

PAES, D. A. E. R. 2017. Marcuschi e a linguística textual: o entrelaçamento das informações e dos sentidos. *Anais do XXI Congresso Nacional de Linguística e Filologia: Textos Completos, t. II*, 2015-2036. [http://www.filologia.org.br/xxi\\_cnlf/cnlf/tomo2/0148.pdf](http://www.filologia.org.br/xxi_cnlf/cnlf/tomo2/0148.pdf)

*Submetido:* 10/11/2024

*Aceito:* 10/12/2024